



A SEMENTEIRA

PUBLICAÇÃO MENSAL ILUSTRADA-CRÍTICA E SOCIOLOGIA

Editor — Ismael Pimentel

Proprietário e Director — H. Marques

Tip. R. Poço dos Negros, 81

(Formulaire de la loi sur la presse en Portugal)

Redacção e Administração

CAIS DO SODRÉ, 83

LISBOA — PORTUGAL

Os (últimos) acontecimentos

Ainda não refeitos dos acontecimentos de Maio — expropriação de armazéns e mercearias e respectiva repressão governamental — tivemos de 12 a 20 do passado mês de Julho novas scenas sangrentas nas ruas de Lisboa. Como tôdas as outras anteriores, estas deram-se após a intervenção da força armada em uma luta que as classes da construção civil pacificamente mantinham com o patronato, mestres de obras e governo, luta justissima em prol de um salário mínimo e do aumento de 70 por cento sobre os salários antes da guerra, dentro do horário de 8 horas; reclamações justificadas pelas desmedidas ambições de todos os comerciantes e industriais que teem tornado a vida insuportavel para os salarizados.

O governo actual, presidido pelo traga-sindicalistas e respectivas organizações, cujo ódio à classe operária tanta vez se tem manifestado, querendo esmagar um conflito que não se atrevia a resolver sem desagradar aos proprietários, provocou os operários com a força bruta para vibrar mais uma *machadada* nas organizações sindicais, amedrontando com chacinas, violências, prisões, encerramento de associações, etc.

Ai resposta condigna, como nunca a presenciámos em Portugal, teve-a logo, imediata, com a greve geral de tôdas as indústrias em Lisboa (excepto os ferro-viários) e de mais de 50:000 operários e trabalhadores dos arredores. E o governo, que já tinha as prisões atulhadas com mais de 2:000 trabalhadores, deu a liberdade aos presos, apressando a solução do conflito inicial

pela conservação do horário; pelo estabelecimento do salário mínimo e de um aumento de 40 a 50 por cento nos salários, tendo por base os de antes da guerra. Enguliu a afronta feita ao proletariado. Severa e dura lição para os detentores do poder, eficaz manifestação de solidariedade operária para todos os que dela tanto teem escarnejado.

Que este movimento sirva de incentivo para mais estreitar os laços que devem unir todos os que suportam a dura grilheta da exploração capitalista e autoritária.

Segunda carta de Liebknecht

(Vide numero anterior)

Berlim, 8 de Maio de 1916

Ao Tribunal Militar de Berlim:

A respeito das acusações que me são feitas, desejo declarar:

1.º Para um socialista a palavra traição não tem sentido. Ele não conhece força hostil à qual possa prestar ou mesmo pensar em prestar ajuda. O socialista internacionalista é revolucionário em face de qualquer outro governo capitalista, como o é ante o seu proprio governo.

Não auxiliar nenhuma força inimiga, mas sim os socialistas dos outros países para destruir duma vez todas as forças imperialistas, tal é a quinta-essência das suas aspirações.

Em nome do proletariado internacional, por tôda a parte reconheço esse inimigo, vibrando-lhe golpes eficazes particularmente no seu país.

Em nome do proletariado internacional, o socialista como eu opõe-se ao

seu capitalismo e à sua classe dominante, pois aquele e esta não passam de representantes do capitalismo internacional.

Só por êste processo da luta de classe nacional contra a guerra é que se torna um facto a luta internacional contra a mesma.

Era o que dizia Jean Jaurès com as palavras que escolhi para lema do meu livro publicado em Março de 1915, Luta de Classe Contra a Guerra.

2.º Se os socialistas alemães tivessem que lutar contra o govêrno inglês, a sua luta seria uma farsa ou pior.

O socialista que não afronta o inimigo, o imperialismo, atacando os representantes do mesmo que lhe estão mais próximos, face a face, mas procura pelo contrário afrontar os que se acham longe, não é um socialista: é um miserável laçao da classe dominante. Certamente, só o socialista internacionalista, que sustenta a luta de classe contra o seu próprio govêrno, só êsse tem o direito de atacar também os governos estrangeiros...

Imediatamente após o estalra da guerra, a Dieta Prussiana, contrariamente a tôdas as tradições, mandou-me com odioso furor para o juizo de instrução. Deveria citar o auto para mostrar como eu considero, nas condições actuais, os ataques contra os governos hostis.

3.º Faz parte da luta internacional consciente que o socialista coopere com os socialistas de todos os países, que faça conscientemente o seu papel para atingir a meta comum, que considere o seu esforço e o dos socialistas das outras nações como funções que se suprem e completam, de modo que a sua mente admita igualmente a luta contra o govêrno.

Enfraquecer a importância dêste ponto de vista internacionalista em frente dos adversários do seu país pode amiúde revelar no socialista indícios de incerteza, falta de decisão, e pode também enfraquecer a luta de classe.

É neste espírito e desta forma que a revolução social da classe trabalhadora se opõe decididamente a tôdas as guerras do capitalismo.

Karl LIEBKNECHT.

Em Estocolmo

Oferecemos hoje aos leitores, para reflexão no presente e material de estudo no futuro, dois documentos interessantes apresentados nas conferências socialistas de Estocolmo.

O primeiro é a memória da maioria social-democrática alemã. Sem desposar inteiramente as ideias e miras dos pangermanistas, essa «maioria» (pelo menos oficial) encara os problemas do momento dum ponto de vista patriótico, nacional, estatal, justificando as severas palavras de Frederico Adler, durante o seu julgamento: «O socialismo austriaco e alemão de tal modo se apartou dos princípios socialistas, que vemos hoje representantes oficiais das associações socialistas da Austria-Hungria e da Alemanha irem a Estocolmo como caixeiros viajantes dos respectivos ministérios dos estrangeiros». O mesmo poderia dizer dos socialistas governamentais dos outros países — dos que foram, por exemplo, a Petrogrado com missões oficiais.

Sem ser muito avançado, o segundo documento — a declaração da chamada «minoría» social-democrática, hoje partido autónomo, — abandona em parte o critério sustentado pelos socialistas governamentais dos vários países e revela um estado de espirito bastante mais socialista e revolucionário.

Memória da Maioria Social-democrática alemã

A social-democracia alemã precisa uma paz obtida por meio de acôrdo. Assim como pede garantias para o livre desenvolvimento político, económico e cultural do seu próprio povo, assim também condena a violação dos interesses vitais das outras nações. Só uma paz assim implicará garantias duradouras, só ela permitirá que as nações saiam da atmosfera de tensão hostil em que vivem actualmente e ponham tôdas as suas forças ao serviço do progresso social e do avanço da civilização nacional e mundial.

Foi adoptando êste escopo geral que